



Seção Dossiê

Cuidado, Espiritualidade e Reflexões Contemporâneas



A igreja como comunidade do cuidado

The church as a community of care

Jorge Henrique Barro¹

Docente no PPG de Teologia da Faculdade Teológica Sul Americana

Resumo: Este artigo acadêmico examina a concepção da igreja como uma comunidade do cuidado, destacando seu papel essencial nas *relações interpessoais*. Explora-se as raízes teológicas e bíblicas desse conceito, analisando como a igreja, como corpo de Cristo, é chamada a expressar e praticar o cuidado em várias dimensões. A igreja, ao longo dos séculos, desempenha um papel fundamental na vida das pessoas e nas comunidades locais. Uma perspectiva que tem ganhado destaque é a concepção da igreja como uma *comunidade do cuidado*. Este conceito enfatiza o papel transformador da igreja nas vidas pessoas e na sociedade como um todo. Especial atenção é dada a expressão bíblica *uns aos outros* (*allexon*, no grego), categorizada nessa reflexão em quatro dimensão, sendo: social, pedagógica, ética e terapêutica. Essas dimensões implicam no compromisso de amar, edificar, considerar e cuidar uns aos outros. Toda a igreja tem a responsabilidade de ser uma comunidade do cuidado pastoral tanto no acolhimento como na edificação mútua.

Palavras-chave: Igreja. Comunidade. Cuidado. Acolhimento. Edificação.

Abstract: This academic article examines the conception of the church as a community of care, highlighting its essential role in interpersonal relationships. The theological and biblical roots of this concept are explored, analyzing how the church, as the body of Christ, is called to express and practice care in various dimensions. Throughout the centuries, the church has played a fundamental role in people's lives and local communities. A perspective that has gained prominence is the idea of the church as a *community of care*. This concept emphasizes the transformative role of the church in peoples' lives and society as a whole. Special attention is given to the biblical expression *one another* (*allexon*, in Greek), categorized in this reflection into four dimensions: social, pedagogical, ethical, and therapeutic. These dimensions imply a commitment to love, build up, consider, and care for one another. The entire church has the responsibility to be a community of pastoral care both in welcoming and mutual edification.

Keywords: Church. Community. Careful. Reception. Edification.

¹ Doutor em Estudos Interculturais pelo Fuller Theological Seminary, Pasadena, California (EUA). Seu doutorado foi apostilado pela Escola Superior de Teologia (EST), São Leopoldo/RS. É o atual Diretor Executivo Geral da Faculdade Teológica Sul Americana (FTSA), onde também é professor de vários cursos, dentre eles no Mestrado Profissional em Teologia. É pastor presbiteriano, escritor e conferencista.

Introdução

A igreja, ao longo dos séculos, tem sido uma fonte central de significado espiritual, um farol de esperança e, em muitos casos, *um santuário de cuidado*. Este artigo acadêmico se propõe a explorar a profunda essência da igreja como a *Comunidade do Cuidado*, desvelando as ricas camadas de significado que residem na interconexão entre a fé cristã e o compromisso com o bem-estar coletivo.

Na primeira seção, intitulada *Uns aos outros: a vida em comunidade*, mergulharemos na complexidade da comunhão cristã, destacando a expressão bíblica *uns aos outros* como um fio condutor que tece a tapeçaria da vida em comunidade e em comunhão. Cada subseção - dimensão social, pedagógica, ética e terapêutica - desvendará as diversas formas pelas quais a comunidade é convocada a amar, edificar, considerar e cuidar uns dos outros.

Na sequência, refletiremos sobre a dinâmica da *Eu-unidade*, explorando como a individualismo de cada membro pode corromper a harmonia do corpo. Examinaremos alguns exemplos como o casal *Ananias e Safira* que buscaram ser proeminentes em relação aos demais membros da igreja primitiva. Também o caso das *viúvas helênicas* que foram esquecidas no cuidado em relação as viúvas judias, e ainda, a *separação entre Paulo e Barnabé* que se dividiram em função de uma pessoa. O equilíbrio delicado entre a singularidade de cada pessoa e a busca coletiva é um desafio para a comunidade.

Por fim, no terceiro segmento, *Caminhos para ser uma comunidade do cuidado*, delinaremos estratégias tangíveis para a igreja se afirmar como uma verdadeira comunidade do cuidado. Sob a perspectiva de uma comunidade pastoral, destacaremos o papel fundamental do acolhimento e da edificação mútua, sublinhando a importância de ser não apenas um refúgio espiritual, mas também um espaço de crescimento e fortalecimento contínuo.

Ao longo desta jornada, exploraremos as interseções entre teologia, prática e vida eclesial e a realidade cotidiana dos membros da comunidade. Ao fazê-lo, buscamos não apenas compreender, mas também inspirar e desafiar a igreja a se tornar, de maneira ainda mais profunda, a *comunidade do cuidado*, que reflete os princípios fundamentais do evangelho.

1 “Uns aos outros”: a vida em comunidade

A expressão *uns aos outros* é derivada da palavra grega *allelon* (ἄλλήλων), que significa *mutualidade e reciprocidade*, marcas sem as quais a igreja jamais seria uma *comunidade*. Ocorre cerca de 97 vezes no Novo Testamento². Dessas, 71 vezes usa-se a expressão *uns aos outros*, conforme a imagem a seguir:

² De acordo com o programa Logos.



Gráfico: Palavra ἀλλήλων (allelon) no Novo Testamento³

A maioria dessas ocorrências são comandos específicos que ensinam aspectos positivos do *como* e do *como não* se relacionar uns com os outros. A obediência a esses comandos não é uma opção da relação cristã, mas um *imperativo*, pelo fato de se constituir a *base relacional* da verdadeira comunidade cristã que tem um impacto direto em seu testemunho no mundo (Jo 13:35).

Tais comandos tornam-se em imperativos para a comunidade cristã porque “somos um só corpo em Cristo e membros uns dos outros” (Rm 12:5). Essa mutualidade e interdependência se dão no exercício do “sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo” (Ef 5:21). O corpo é de Cristo, e por isso, exige que se viva “no temor de Cristo”. Esse temor será expresso e visível, pelo menos, por meio de *quatro dimensões* em forma de compromissos e atitudes da vida em comunidade:

Atitudes	Dimensão
Amar uns aos outros	Social
Edificar uns aos outros	Pedagógica
Considerar uns aos outros	Ética
Cuidar uns aos outros	Terapêutica

Tabela: Dimensões e compromissos e atitudes do Allelon

1.1 Comunidade significa amar uns aos outros – dimensão social

Se é *comunidade* é social. Não se trata de um indivíduo que vive de modo individual no coletivo. A não compreensão desse aspecto leva as pessoas da comunidade a não se comprometerem com o *corpo*. Cada pessoa é uma pessoa com sua individualidade e pessoalidade, mas que se torna *corpo*. Paulo deixa claro que “somos um só corpo em Cristo” (Rom 12:5). *Somos um* é o milagre da convivência e da comunhão de um com o todo. O todo é feito de cada, de cada parte. É *com-idade*, a unidade que se torna possível com os demais. O *eu* sem o *com* é *individualismo* que ignora o todo. Esse risco precisa ser eliminado da vida em comunidade porque conspira

³ Fonte: Aplicativo LOGOS. Português. Palavra no ἀλλήλων (allelon) no Novo Testamento. Disponível em: <https://app.logos.com/guides/word?reference=ἀλλήλων>. Acesso em: 14 jan. 2021.

contra a mutualidade e interdependência. *Com-unidade* é ser “membros uns dos outros” (Rm 12:5).

Esse milagre da *con-vivência*, da partilha da vida em *com-unidade* só é possível onde o amor determina o ritmo de ser desses *membros uns dos outros*. Sem a experiência e prática do amor nenhuma comunidade sobrevirá. O *allelon* é mantido e suportado pelo amor. Somente o amor, o que procede de Deus (1 Jo 4:7), é capaz de fazer com que o *allelon* seja conduzido pelas seguintes características:

- *Marcas da mutualidade* (Ef 4:2).
- *A reciprocidade do perdão* (Cl 3:13).
- *Cultura de honra* (Rm 12:10).
- *Coração apaixonado* (1 Pe 1:22).
- *Fidelidade a tradições escriturísticas* (1 Jo 3:11; 2 Jo 1:5; 1 Jo 3:23; Rm 13:8; Gl 6:2).
- *Revela quem verdadeiramente é filho de Deus e o conhece* (1 Jo 4:7).
- *O amor retributivo* (1 Jo 4:11).
- *O amor evidenciado de Deus em nós* (1 Jo 4:12).
- *A reciprocidade acolhedora* (Rm 15:7).
- *A elasticidade e intensificação do amor* (1 Ts 3:12).

Comunidade significa *amar uns aos outros*. A *dimensão social* da comunidade só será mantida se o *allelon* for caracterizado pelo *amor mútuo*. Além do amor em sua dimensão social, o *allelon* também se caracteriza pela *dimensão pedagógica* como *uma comunidade edificadora*.

1.2 Comunidade significa edificar uns aos outros – dimensão pedagógica

A *comunidade*, como uma expressão social de amor, é uma comunidade de *qualidade*. Não se trata de uma *massa de manobra*, de gente despreparada, que faz do *allelon* uma experiência acrítica e sem qualidade. A comunidade de Jesus é uma comunidade pedagógica que cresce e se edifica. A vida em comunidade é vida de *edificação mútua*. Ninguém pode ser deixado para trás. Deixar ou ignorar um membro do corpo é desqualificar o todo. Uma comunidade sem qualidade é um risco para si mesma e para o projeto que Deus tem para ela no mundo.

O *allelon* é mantido pelas exigências qualitativas. Uma qualidade que faz com que o *allelon* seja conduzido pelas seguintes características:

- *Comunidade pacificadora e edificadora* (Rm 14:19).
- *Comunidade capacitadora* (Rm 15:14).
- *Centralidade da Palavra e adoração* (Cl 3:16).
- *Consolo e edificação* (1 Ts 5:11).
- *Encorajamento e quebrantamento* (Hb 3:13; 1 Jo 1:7).

A dimensão social da comunidade, onde o amar uns aos outros se experimenta e vive de modo voluntário, sem esquecer que é mandamento, prepara o solo para o crescimento contínuo como *dimensão pedagógica* de uma comunidade que cresce em qualidade.

1.3 Comunidade significa considerar uns aos outros – dimensão ética

Agora o *allelon* pode rumar para a *dimensão ética* que, acima de tudo é caracterizado pelo amor mútuo. A dimensão ética cuida dos valores do *allelon*, visando

a consideração do outro em comunidade. Esse *outro* não como estranho e alheio, mas como *membro um dos outros* em mutualidade e interdependência.

O *allelon* é ético. Uma ética não legalista, mas *relacional* e *referencial*, que direciona a comunidade para a valorização da consideração mútua. Ética que faz com que o *allelon* seja conduzido pelas seguintes características:

- *Incitação do amor e boas obras* (Hb 10:24).
- *Que o outro cresça e eu diminua*: (Fp 2:3; Rm 15:5).
- *O poder do auto esvaziamento* (Rm 12:16).
- *Presidir nossas atitudes e não o outro* (Rm 14:13; Gl 5:15; Gl 5:26; Tg 4:11; Tg 5:9).
- *A ética da reciprocidade Cristocêntrica-perdoadora* (Ef 4:32).
- *A ética da transparência* (Cl 3:9).

Viver em comunidade é um viver ético que incita o bem e jamais o mal, o certo e nunca o errado. Se é para fazer guerra, que seja para provocar ao amor e boas obras. O *outro* na comunidade é meu membro como eu sou do corpo de Cristo, e isto implica que o outro cresça e eu diminua. Exige de cada membro uma *kenosis* diária que, assim como Cristo que abriu mão “ser igual a Deus” (Fp 2:6), da mesma forma (no grego *phroneo* – φρονεω, ter o mesmo entendimento, sentimento, atitude) também abrimos mão de nós mesmos num processo de auto esvaziamento para que o outro seja superior a mim mesmo. Implica em que cada um se torna responsável por presidir (ser juiz) de suas próprias atitudes em vez de querer controlar o outro. Tal ética necessariamente conduz a uma conduta de reciprocidade perdoadora modela em Cristo que a todos perdoa, como modelo, para que o mesmo seja feito com cada membro de sua comunidade, afinal cada deve se despir (ou pelo menos deveria) da velha natureza (ou velho homem) já que agora “não sois estrangeiros... mas concidadãos dos santos, e sois da família de Deus” (Ef 2:19).

1.4 Comunidade significa cuidar uns aos outros – dimensão terapêutica

A comunidade de Jesus é uma *comunidade cuidadora* que visa a cura das pessoas. Essa é sua *dimensão terapêutica*. O ministério de Jesus foi um ministério terapêutico. A palavra *therapeuo* (no grego θεραπευω) ocorre 43 no Novo Testamento com dois sentidos muito claros: 1) *Servir*, realizar o serviço; 2) *Sarar*, curar, restaurar a saúde. *Therapeuo* é encontrada em Mateus 4:23, que diz que “percorria Jesus toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades entre o povo”. Essa palavra também é confirmada quando Jesus chama seus discípulos para fazer o mesmo que Ele fazia: “E percorria Jesus todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades” (Mt 9:35). Ao ver o estado e a situação das pessoas dentre as multidões, Jesus é movido a servi-las, pois, “vendo ele as multidões, compadeceu-se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor” (Mt 9:36). O serviço sem compaixão torna o que serve pior que o doente que se propõe a curar. A comunidade de Jesus é uma comunidade compassiva, que serve por amor, na esperança de que as pessoas sejam libertas das aflições e exaustões que oprimem seu viver cotidiano.

O *allelon* é *terapêutico*. Uma terapia que reconcilia o próximo consigo mesmo em sua integralidade e totalidade, porque o desejo de Deus é que seu povo seja

santificado em tudo, tanto o “*espírito, alma e corpo sejam conservados íntegros e irrepreensíveis* na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo” (1 Ts 5:23).

Para que *allelon* seja assim, íntegro e irrepreensível, precisa ter as seguintes características:

- *A reciprocidade da humildade* (Jo 13:14).
- *A reciprocidade da transferência* (Ef 4:25).
- *A reciprocidade do cuidado* (1 Co 12:25).
- *A reciprocidade do carinho e do afeto* (2 Co 13:12).
- *A reciprocidade da mente* (1 Pe 3:8).
- *A reciprocidade do serviço mútuo* (1 Pe 4:10; Gl 5:13).
- *A reciprocidade da liturgia da cura* (Tg 5:16).
- *A reciprocidade do consolo e edificação* (1 Ts 5:11).

É fundamental lembrar a *Regra de Ouro* de Jesus que diz que “tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a Lei e os Profetas” (Mt 7:12). Cuidar dos outros exige uma reciprocidade de tratamento, ou seja, *do mesmo modo* como eu gostaria de ser tratado. A conjunção *pois* neste texto – “tudo quanto, *pois*” – significa por esta razão, conseqüentemente, conformemente, sendo assim. Isso em relação para com a afirmação anterior que diz “Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará boas coisas aos que lhe pedirem?” (Mt 7:11). Ou seja, alguém que recebeu a generosidade de Deus-Pai celestial jamais poderia sonegar e recusar que o outro tenha mesma o mesmo tratamento. Generosidade gera generosidade. A generosidade de Deus impulsiona a generosidade com o próximo porque é assim que esperamos e desejamos ser também tratados. Isso é *reciprocidade terapêutica*. Trata-se de uma ação positiva – *faça aos outros* – e não uma ação negativa – *não faça aos outros*. É mais do que evitar; é fazer o bem, porque “aquele que sabe que deve fazer o bem e não o faz nisso está pecando” (Tg 4:17). Faço para o outro o que eu quero que seja para mim e isso com base na generosidade de Deus.

Isso é o que significa *ser e viver* em e na *comunidade de Jesus*, caracterizada pelo *allelon* que visa: (1) *amar*; (2) *edificar*; (3) *considerar*; e (4) *cuidar* uns aos outros.

Uma comunidade assim não significa ausência de *problemas* e *conflitos*. Várias cartas de Paulo revelam isso, como aos Coríntios. As dificuldades e problemas existentes dentro da comunidade não deveriam trazer desânimo, mas desafiar as pessoas a serem o que ainda não são e a fazer o que ainda não fazem. Paulo disse ao seu jovem discípulo-pastor Timóteo que “é para esse fim que labutamos e nos esforçamos sobremodo, porquanto temos posto a nossa esperança no Deus vivo, Salvador de todos os homens, especialmente dos fiéis” (1 Tm 4:10). A esperança não está na comunidade, mas no Deus vivo. Porém, isso não isenta de fazer de diligentemente *labutar* e *esforçar* para que a comunidade de Jesus seja uma *comunidade do cuidado*.

É importante ressaltar que ser uma comunidade do cuidado não é o todo da razão de ser e existir da igreja. Quem vive para si mesmo morre para si mesmo, parafrazeando o Paulo, que disse: “Porque nenhum de nós vive para si mesmo, nem morre para si” (Rm 14:17). A comunidade é um *instrumento da missional de Deus no e para o mundo*. Ela não existe e muito menos é um fim em si mesma. Ser uma *comunidade missional* não significa negligenciar a vida interna da igreja. A relação *ad*

intra (para dentro) e *ad extra* (para fora) precisa ser existir. Manter essa tensão é fundamental para o equilíbrio da igreja. O *ad intra* sem o *ad extra* faz com a igreja não passe de um clube social, como foi no caso da *Igreja em Sardes*, “que tens nome de que vives e estás morto” (Ap 3:1). Antes disso, a igreja é o *corpo vivo* de Cristo, uma comunidade do cuidado mútuo.

2 “Eu a despeito e acima dos outros”: a eu-unidade

Todas as vezes que a igreja esquece da sua natureza comunitária, entra em rota de colisão com ela mesma. Esses poucos exemplos a seguir são suficientes para convencer que quando o *eu* está acima dos *outros* dinamita o sentido da *comu-nidade* por causa do *eu-unidade*. Vejamos:

2.1 Ananias e Safira: quando o engano se apresenta com aparência de generosidade

“Entretanto, certo homem, chamado Ananias, com sua mulher Safira, vendeu uma propriedade, mas, em acordo com sua mulher, reteve parte do preço e, levando o restante, depositou-o aos pés dos apóstolos” (At 5:1). Esse *mas* é autoexplicativo. Não foi um *acordo* com a comunidade, mas entre Ananias e sua mulher. Tal acordo tinha por propósito a *autopromoção deles na comunidade*. Isso, certamente conspiraria contra a unidade da comunidade e, certamente, promoveria disputa de poder, e neste caso, o financeiro. Tal situação, de querer ter prestígio entre os irmãos, gerou morte e não vida, servindo de modelo negativo para que ninguém imitasse essa atitude de disputa na igreja primitiva. Aqui faltou o *allelon*.

2.2 As viúvas helênicas: quando grupos ascendem sobre outros

“Ora, naqueles dias, multiplicando-se o número dos discípulos, houve murmuração dos helenistas contra os hebreus, porque as viúvas deles estavam sendo esquecidas na distribuição diária” (At 6:1). Mal a igreja primitiva começara e já experimentava os desafios da vida em comunidade. *Favoritismos* foi e sempre e será um dos grandes desafios do viver em comum. Se um determinado grupo tem ascensão sobre outro, deixa de ser comum, mas especial. Esse grupo passa a ser mais lembrado e destacado que o outro. Foi o caso das “viúvas deles [helênicas] estavam sendo esquecidas na distribuição diária”. A igreja primitiva, em seu desafio de ser uma comunidade multiétnica, já possuía gregos e judeus em sua convivência. Tudo indicava que os judeus tinham mais destaque na comunidade a ponto de as viúvas gregas estarem sendo *esquecidas*, possivelmente omitidas e negligenciadas na distribuição diária das *cestas básicas*. Tal situação provocou o surgimento dos *diáconos*, sendo todos, sem exceção, gregos, sendo: Estêvão, Filipe, Prócoro, Nicanor, Timão, Pármenas e Nicolau. Aqui novamente faltou o *allelon*.

2.3. Separação entre Paulo e Barnabé: quando convicções pessoais rompem relacionamentos

Muitas são as divisões de igrejas por causa das discórdias:

Alguns dias depois, disse Paulo a Barnabé: Voltemos, agora, para visitar os irmãos por todas as cidades nas quais anunciamos a palavra do Senhor, para ver como passam. E Barnabé queria levar também a João, chamado Marcos. Mas Paulo não achava justo levarem aquele

que se afastara desde a Panfília, não os acompanhando no trabalho. Houve entre eles tal *desavença*, que vieram a separar-se (At 15:36-39).

A vida em comunidade tem o desafio de tratar as *discórdias* sem que estas promovam *separações*. Não foi o caso aqui. O resultado entre esses dois homens, que se amavam de forma tão intensa e profunda, foi a *separação*. De novo, faltou o *allelon*. Faltou o que o próprio Paulo incentivou as igrejas de Filipos e Roma fazerem. Parece ter aprendido a lição! “Nada façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo” (Fp 2:3) e “Ora, o Deus da paciência e da consolação vos conceda o mesmo sentir de uns para com os outros, segundo Cristo Jesus” (Rm 15:5).

Quando o *eu a despeito dos outros* está *acima do uns aos outros* o resultado nunca é a paz, mas divisões. Sem uma compreensão da importância do *allelon* a igreja jamais conseguirá ser *comunidade*. Será antes um aglomerado de pessoas que se juntam em determinados momentos para determinados fins em forma de *e-ventos*. O sopro do Espírito é outro porque “há somente um corpo e um Espírito, como também fostes chamados numa só esperança da vossa vocação; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos” (Ef 4:4-6). Nas palavras de Paulo, isso exige esforço, que é o “esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz” (Ef 4:3).

3 Caminhos para ser uma comunidade do cuidado pastoral

Muito ainda se pensa que o *ministério (serviço) do cuidado* na igreja é tarefa exclusiva dos seus *líderes pastorais*. É essencial e continuará sendo o cuidado realizado pelos pastores(as), na expressão tão conhecida, como *cura d’almas*. Eugene Peterson afirma que, “a cura de almas, pois, é dirigido pelas Escrituras, moldado pelo cuidado na oração, dedicado a pessoas individualmente ou em grupos, em lugares sagrados e profanos. É uma determinação em trabalhar com o centro, em concentrar-se no essencial”⁴. Líderes pastorais têm essa tarefa, não única e exclusiva, de ser também *cuidador de almas*. Paulo menciona essa tarefa aos presbíteros da Igreja de Éfeso, dizendo: “*Atendei por vós e por todo o rebanho* sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a igreja de Deus” (At 20:28). Paulo exorta os presbíteros para *atender*, que no grego é *prosecho*, que tem a ideia de levar a e trazer para perto como um ato de cuidar. É a mesma ideia de trazer um navio a terra como metáfora para ajudar as pessoas nas travessias dos seus mares revoltos da vida, atracando em portos seguros.

Os presbíteros, para poderem *cuidar de todo o rebanho*, precisavam prestar atenção *para si mesmo*. Essa lógica é fundamental, pois ninguém tem condições de cuidar de uma pessoa ou grupo sem antes *cuidar de si mesmo*. O cuidado de si mesmo proporciona a solidez necessária para cuidar de *todo o rebanho*, com a finalidade de *pastoreardes a igreja de Deus*.

Por outro lado, há respaldo bíblico para que esse cuidado não seja realizado *exclusivamente pelas lideranças pastorais*. A igreja precisa ser incentivada a ser uma *comunidade do cuidado pastoral*. Nenhum líder pastoral por si só, por mais

⁴ PETERSON, Eugene H. *The contemplative pastor*. Grand Rapids: Eerdmans, 1993, p. 54.

capacitado e dedicado que seja, dará conta do cuidado de *toda* a igreja. Por isso, *allelon* se constitui em uma experiência comunitária que descentraliza e democratiza o *cuidado mútuo*. Sem tal compreensão, pastores rumam para a sobrecarga e estafa do cuidado de toda a igreja. Tal responsabilidade deve e precisa ser compartilhada, mesmo sabendo dos riscos e perigos que esse cuidado comunitário possa apresentar. Debaixo da supervisão dos pastores, *o corpo pastoreia e cuida o corpo*.

Como isso pode acontecer?

3.1 Uma comunidade do acolhimento mútuo

“Portanto, *acolhei-vos uns aos outros*, como também Cristo nos acolheu para a glória de Deus” (Rm 15:7). *Acolher* (*proslambano* no grego) é levar a, tomar para si mesmo como companheiro, tomar pela mão ou receber em casa. Somente o *allelon* pode realizar tal tarefa em sua plenitude. Quantas expressões de cuidado não são encontradas na vida em comunidade quando pessoas *tomam outras pela mão e as levam para suas casas* para ali terem uma refeição, receberem palavras de consolo, serem encorajadas e terem suporte para a dura jornada da vida.

O *acolhimento* transcende as instalações físicas do templo e não se resume ou se encerra no comitê de boas-vindas de uma igreja. Os encontros públicos da igreja devem ser marcados por acolhimento amoroso, caloroso, sensível, particularmente, aos visitantes. Muitos destes o fazem em caráter de sondagem investigativa se tal ambiente é de fato um ambiente onde se possa vir fazer parte. Uma comunidade acolhedora espalha seu estilo de vida para todos os lugares sem demarcações territoriais.

O Paulo revela seu afeto aos Coríntios, dizendo: “*Acolhei-nos* em vosso coração; a ninguém tratamos com injustiça, a ninguém corrompemos, a ninguém exploramos. Não falo para vos condenar; porque já vos tenho dito que estais em nosso coração para juntos, morrermos e vivermos” (1 Co 7:2-3). Essa mutualidade relacional (juntos) é um compromisso *para, juntos, morrermos e vivermos*.

O acolhimento também se expressa e se materializa no campo das ideias, pensamentos e convicções. A comunidade acolhedora tem o desafio de ter o *mesmo pensar*. Implica em *tolerância* para com os mais fracos na fé. Por isso, “acolhei ao que é débil na fé, não, porém, para discutir opiniões” (Rm 14:1). *Débil* (*astheneo* no grego) é aquele que é *fraco* no sentido de estar sem força, sem energia, como também estar carente de recursos, indigente, pobre e estar debilitado por doença. Na igreja existem pessoas que estão experimentando diferentes estágios na fé, na busca de terem a mente de Cristo: “Nós, porém, temos a mente de Cristo” (1 Co 2:16). Contudo, nem todos chegaram lá por estarem em diferentes estágios *da fé*. Isso exige *tolerância inclusiva*. O fraco não tem força em si mesmo para se tornar forte. Por causa disso, cada pessoa em comunidade deve desenvolver a consciência do “fiz-me fraco para com os fracos” (1 Co 9:17). O forte pode se fazer fraco por amor ao fraco. Já o fraco não consegue se fazer forte por amor ao forte. Simpatia, altruísmo e tolerância são atitudes fundamentais na *imitação a Cristo* (Rm 15:1-3).

Não faz sentido “discutir opiniões” (1 Co 7:2) com quem é fraco para ganhar uma discussão. O caminho do forte é o caminho da *kenosis*, do *auto esvaziamento de si mesmo*, porque este é o caminho de Cristo. A *referência* para o acolhimento é “acolhei-vos uns aos outros, *como também Cristo nos acolheu* para a glória de Deus” (Rm 15:7). Cristo é o *modelo* de acolhimento para a comunidade – “*como também Cristo*”. A

comunidade torna-se acolhedora quando ela experimenta em si mesma o acolhimento de Cristo para que ao imitá-lo, as pessoas que chegam à comunidade também aprendam a fazer o mesmo.

Uma comunidade assim, acolhedoramente modelada em Cristo, cuida tolerantemente dos fracos em seus estágios de fé, especialmente “se alguém for surpreendido nalguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi-o com espírito de brandura... Levai as cargas uns dos outros e, assim, cumprireis a lei de Cristo” (Gl 6:1-2).

Os *pneumatikos* (espirituais), aqueles que já estão em um estágio de fé mais avançado em sua imitação de Cristo, já são mais maduros para saberem como tratar dos fracos da comunidade. Por isso mesmo, os fortes não corrigem com força, mas “com espírito de brandura”, que literalmente, significa gentileza, bondade e humildade. Os *pneumatikos* também correm o risco de serem *astheneo* (fracos).

É no acolhimento mútuo que se cumpre a lei de Cristo de “levai as cargas uns dos outros e, assim, cumprireis a lei de Cristo” (Gl 6:2). Ter a mente de Cristo significa se ocupar apenas com “tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento” (Fp 4:8).

O segundo aspecto do ser de uma comunidade acolhedora é a *edificação mútua*, que agora passamos a refletir.

3.2 Uma comunidade da edificação mútua

Faz-se necessário refletir sobre a *finalidade do acolhimento*. Não se acolhe apenas para acolher. O acolhimento pelo acolhimento pode gerar uma *comunidade ensimesmada*, que acha que o fim último dela é a sua *dimensão interna (ad intra)*. Uma vez que as pessoas são acolhidas, pela profunda compreensão e fruto do “amemo-nos uns aos outros, porque o amor procede de Deus” (1 Jo 4:7), reconhecendo que “se Deus de tal maneira nos amou, devemos nós também amar uns aos outros” (1 Jo 4:11), essa comunidade agora deve ser uma *comunidade edificadora e capacitadora*. Conforme já destacado, essa é a *dimensão pedagógica do allelon*. O *allelon* é edificador.

Muito significativa é a palavra no grego *oikodome* (οικοδομη) que tem como perspectiva o ato de construir uma casa, edificar a partir da fundação, restaurar pela construção, reconstruir e reparar. De forma metafórica, tais sentidos são emprestados por Paulo para se referir ao processo de *edificação da igreja* como sendo um ato que promove o crescimento do *allelon* em sabedoria cristã, piedade, afeição, graça, virtude, santidade e bem-aventurança. Sem edificação, o *allelon* é corpo atrofiado e subnutrido. A edificação é que pode garantir um crescimento estável que ruma para a *maturidade (teleiós)*. Comunhão implica em *crescer juntos*. Sem tal propósito o corpo sofrerá de *koinonite*, a inflamação da *koinonia*. Sem crescimento a comunidade fica sem qualidade, fruto de uma fé imatura. Isso foi o que aconteceu com a comunidade dos cristãos hebreus:

A esse respeito temos muitas coisas que dizer e difíceis de explicar, porquanto vos tendes tornado tardios em ouvir. Pois, com efeito, quando devíeis ser mestres, atendendo ao tempo decorrido, tendes, novamente, necessidade de alguém que vos ensine, de novo, quais são os princípios elementares dos oráculos de Deus; assim, vos tornastes

como necessitados de leite e não de alimento sólido. Ora, todo aquele que se alimenta de leite é inexperiente na palavra da justiça, porque é criança. Mas o alimento sólido é para os adultos, para aqueles que, pela prática, têm as suas faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal (Hb 5:11-14).

O autor aos Hebreus faz uma denúncia severa a essa comunidade dos cristãos hebreus: *de mestres a crianças*. Uma comunidade que já deveria estar enraizada nos “princípios avançados dos oráculos de Deus”, mas que ainda patina, mal sabendo e conhecendo os “princípios elementares dos oráculos de Deus”, sem discernir entre o bem e o mal, certo e errado.

Uma das finalidades das Escrituras é fazer com que a pessoa se torne *adulta* (madura) para saber discernir não somente o bem, mas também o mal. Elas são a ferramenta primeira para discernimento espiritual. A pessoa sem as Escrituras sabe sobre “as coisas do homem” (1 Co 2:11). Há um contraste marcante entre as pessoas que são cheias de discernimento (via as Escrituras) e pessoas que são vazias de discernimento (sem as Escrituras). Quais são esses contrastes e essas características que podem estar presentes em comunidade?

- *São pessoas difíceis*: “A esse respeito temos muitas coisas a dizer, e difíceis de explicar, porquanto vos tendes tornado tardios em ouvir” (Hb 5:11). São pessoas que é de explicar determinadas coisas, porque elas (a) *não querem muitas vezes ouvir* (“tardios em ouvir”). Pode se referir também no sentido espiritual, como *espiritualmente tardias*, dando a ideia de que eles eram *doentes* ou *devagar* espiritualmente; (b) *não querem ceder e se tornaram duras* (“porquanto vos tendes tornado”). “Não é uma questão do que eles são por natureza, mas do que eles se tornaram por causa de suas faltas... eles não foram sempre assim”⁵; (c) *não conseguem entender* (“muitas coisas a dizer e difíceis de explicar”). Essa falta de impediam de compreender certos assuntos, como a ordem de Melquisedeque. Para entender o que é explicado a pessoa precisa estar crescendo em maturidade, aberta, sendo sensível e desimpedida para ouvir. Estevão se referiu a este tipo de pessoas em Atos 7.51: “Homens de dura cerviz e incircuncisos de coração e de ouvidos, vós sempre resistis ao Espírito Santo”. O problema destes “homens incircuncisos de ouvidos” é que eles receberam “a lei por mistério de anjos, e não a guardastes” (At 7:53). São pessoas difíceis. A consequência de Estevão ter dito isto foi: “Ouvindo eles isto, enfureceram-se nos seus corações e rilhavam os dentes contra ele” (Atos 7.54).
- *São pessoas que sempre regridem espiritualmente*: “Pois, com efeito, quando devíeis ser mestres, atendendo ao tempo decorrido, tendes novamente necessidade de que alguém vos ensine de novo quais são os princípios elementares dos oráculos de Deus; assim vos tornastes necessitados de leite, e não de alimento sólido” (Hb 5.12). Pessoas que sempre (a) *regridem espiritualmente* porque com o passar dos anos (“atendendo ao tempo decorrido”) já deviam estar ensinando como mestres em vez de sempre serem ensinadas. Não se trata de não ser *ensinável*, mas sim de ser eternamente dependente necessitando que alguém que sempre repita as mesmas coisas para que ela aprenda. Além disso, (b) *regridem espiritualmente* porque *não conseguem dar passos novos e mais profundos nas Escrituras*. Já poderiam alçar voos mais altos no conhecimento de Deus, da Palavra e ter uma fé sólida. Em vez disto, não conseguem ir adiante, e o que é

⁵ RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. *Chave linguística do NT Grego*. São Paulo: Vida Nova, 1985, p. 504.

pior, *não conseguem sequer guardar e praticar o básico*. Por causa disso, precisam serem ensinadas novamente sobre os “princípios elementares dos oráculos de Deus”, que o autor aos Hebreus relaciona em seis: arrependimento de obras mortas (Hb. 6:1); a fé em Deus (6:1); o ensino dos batismos (6:2); a imposição das mãos (6:2); a ressurreição dos mortos (6:2); e o juízo eterno (6:2). Depois de tanto tempo, essas pessoas mal sabem o básico. Tais pessoas que já deveriam ter a capacidade de serem mestres e, ao contrário, têm a necessidade de voltarem ao *jardim da infância* para começar tudo de novo. Aparentemente, o autor aos Hebreus frustrou-se com esta situação, a dizendo que só voltaria a ensiná-las estes princípios elementares “se Deus permitir” (6.3). Pessoas assim, que não conseguiam discernir o básico, tão pouco discerniriam entre *o bem e o mal*. Pior do que isso, sempre regrediam espiritualmente porque (c) *sempre são necessitadas*. São necessitadas de alguém (“necessidade de que alguém vos ensine de novo”) para sempre estarem ao lado delas. São necessitadas de leite (“vos tornastes necessitados de leite, e não de alimento sólido”). Poderiam se alimentar de comida sólida (questões mais profundas), mas não passam do estágio do leite. Pedro disse: “Desejai ardentemente, como crianças recém-nascidas, o genuíno leite espiritual, para que por ele vos seja dado o crescimento para a salvação” (1 Pe 2:2). O leite produz *crescimento*. O problema dessas pessoas é que o leite não fazia isto em suas vidas. Por esta razão, sempre são necessitadas, são fracas.

- *São pessoas inexperientes nas Sagradas Escrituras*: “Ora, todo aquele que se alimenta de leite, é inexperiente na palavra da justiça, porque é criança” (Hb 5:13). O cristão *de leite* é aquele que é inexperiente na Palavra da justiça. A palavra *inexperiente* (no grego *apeirós*) significa literalmente *não provado*, sugerindo que a falta de perícia estava ligada a falta de prática. É uma situação distinta de um estado de completa ignorância. As coisas de Deus exigem algo mais do que um mero conhecimento casual. Por isso, o escritor não hesita em colocar seus leitores na categoria *do leite*. Nunca chegaram a desenvolver as habilidades necessárias. Sendo inexperientes na Palavra da justiça que se trata da *justiça ética*. O discernir entre o bem e o mal exige uma experiência, uma vivência na Palavra da justiça, porque questões entre *bem e mal* desembocam necessariamente em questões de justiça. A inexperiência na Palavra da justiça pode gerar pessoas injustas, cujo discernimento não é correto.

Diante disto, percebe como realmente é difícil para uma pessoa nessas condições exercer *discernimento espiritual*. Isso nos leva a concluir quão fundamental é ser *uma comunidade edificadora* nas Escrituras porque “o alimento sólido é para os adultos, para aqueles que, pela prática, têm suas faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal” (Hb 5:14). O caminho do discernimento entre o bem e o mal, que conduz à maturidade cristã, é árduo e trabalhoso. Paulo disse que “o qual nós anunciamos, advertindo a todo homem em toda sabedoria, a fim de que apresentemos todo homem perfeito (*teleiós – maduro*) em Cristo” (Cl 1:28). Para isso, ele disse “eu também me afadigo, esforçando-me o mais possível” (Cl 1:29).

É visível nas comunidades de fé a tendência do evangelho fácil, raso, superficial, onde as pessoas são cada vez mais consumidoras dos produtos e programas religiosos. Isso por si já é uma denúncia da falta de maturidade nas Escrituras.

O discernimento entre o bem e o mal deve ter base na Palavra que é a *base objetiva do discernir*. Discernimento não é e não pode ser fruto de subjetividade. Jesus, nas três tentações no deserto pelo diabo (pão-*física*; reinos deste mundo-*política*; colocar Deus em prova-*espiritual*), disse: (1) “*Está escrito*: Não só de pão viverá o homem” (Lc 4:4); (2) “*Está escrito*: Ao Senhor, teu Deus, adorarás e só a ele darás culto

(Lc 4:8); (3) “*Dito está: Não tentarás o Senhor, teu Deus*” (Lc 4:12). É discernimento que vem da Palavra e isto só vem com muito trabalho e dedicação.

A capacidade de discernir entre o bem e mal é fruto de:

- *Crescimento em maturidade*: “Mas o alimento sólido é para os *adultos*” (Hb 5.14). A palavra no grego traduzida por *adultos* é *teleiôn* que significa maduro, perfeito, plenamente desenvolvido. “Portanto, o discernimento espiritual impõe-se como constante na vida do cristão, para possibilitar-lhe a passagem da idade infantil da fé para a do homem perfeito e maduro”⁶. Paulo assim escreve para a Igreja em Éfeso: “até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo, para que não sejamos como crianças, agitadas de um lado para outro, e levados ao redor por todo vento de doutrina, pela astúcia com que induzem ao erro” (Ef 4:13-14). Muito desta *infância espiritual* dos cristãos também é fruto de pastorados fracos. Pastores e mestres existem também para providenciar alimento sólido para as ovelhas e isto implica na formação teológica, formal ou informal.
- *Prática e exercício*: “para aqueles que, *pela prática*, têm as suas faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal” (Hb 5:14). *Pela prática*, nas palavras do autor aos Hebreus, significa *pelo hábito*. “Refere-se a um hábito físico ou mental, e não indica o processo, mas o resultado; isto é, a condição produzida pelo exercício anterior, e se torna, então, a condição habitual, a disposição, tendência dominante ou caráter”⁷. Significa que discernimento é também fruto de *hábito* e *exercício*, porque para muitos, discernimento é sinônimo de *adivinhação* ou *intuição*, que pode dar a ideia de algo instantâneo, rápido e de caminho fácil. Discernimento exige muito treino, prática e exercício. E isto só é possível pela Palavra (base objetiva). “A maturidade espiritual não advém dos eventos isolados nem de uma grande explosão espiritual. Advém de uma aplicação regular da disciplina espiritual.”⁸

O *hábito* é o remédio contra a *inexperiência*. É contra a *inexperiência* que o autor aos Hebreus exorta ao progresso na fé, para que, “pondo de parte os princípios elementares da doutrina de Cristo, deixemo-nos levar para o que é perfeito, não lançando, de novo, a base do arrependimento de obras mortas e da fé em Deus, o ensino de batismos e da imposição de mãos, da ressurreição dos mortos e do juízo eterno. Isso faremos, se Deus permitir” (Hb 6:1-3).

O *allelon* é e sempre deve ser *edificante* (Rm 14:19), porque implica em ser cheio de todo o *conhecimento*, aptos para *admoestar* uns aos outros (Rm 15:14). Para isso, requer que habite ricamente em nós a *palavra de Cristo* que nos capacita para *instruir* e *aconselhar* mutuamente em toda a sabedoria (Cl 3:16). O fruto dessas ações são *consolo* de uns aos outros e *edificação recíproca* (1 Ts 5:11), cuja *exortação* mútua livra a comunidade de ser seduzida pelo engano do pecado (Hb 3:13).

Conclusão

À medida que exploramos as riquezas da igreja como a *Comunidade do Cuidado*, testemunhamos a beleza intrínseca de uma fé que se manifesta não apenas em rituais litúrgicos, mas em práticas tangíveis de amor e solidariedade. O

⁶ DE FIORES, S.; GOFFI, T. (orgs.). *Dicionário de espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 284.

⁷ RIENECKER; ROGERS, 1985, p. 504.

⁸ GUTHRIE, Donald. *Hebreus, introdução e comentário* (Série Cultura Bíblica). São Paulo: Vida Nova, 1984, p. 128.

entrelaçamento das dimensões sociais, pedagógicas, éticas e terapêuticas nos revela uma visão holística da comunidade cristã, onde o compromisso com o cuidado mútuo é tecido e entretido no mais profundo da existência eclesial.

A *Eu-unidade* emerge como risco que corrompe o chamado à celebração da diversidade dentro da unidade, reconhecendo que cada indivíduo traz consigo uma narrativa única, essencial para a riqueza coletiva da comunidade. Nesse contexto, a igreja se destaca como um espaço e ambiente onde a singularidade é valorizada, e a jornada espiritual de cada participante contribui para a riqueza espiritual de todos.

À medida que contemplamos os caminhos para ser *uma comunidade do cuidado*, vislumbramos a igreja não apenas como um local de adoração, mas como uma fonte constante de sustento, acolhimento e crescimento. A comunidade pastoral, com seu compromisso de acolhimento caloroso e edificação mútua, emerge como uma expressão concreta do mandato bíblico de *amar uns aos outros*.

Em última análise, a igreja como a *Comunidade do Cuidado* é convocada a transcender os limites das paredes eclesiais, estendendo suas mãos amorosas para além de si mesma. Este chamado transcende teorias abstratas e se torna uma prática diária, uma manifestação viva do evangelho que toca as vidas individuais e, por extensão, transforma comunidades e sociedades.

Ao encerrar esta reflexão, somos desafiados a não apenas compreender intelectualmente, mas a internalizar e viver a verdade de que a igreja é, e deve continuar a ser, *uma comunidade do cuidado*. Que esta visão inspire e guie cada comunidade cristã na jornada contínua de expressar o amor de Cristo por meio do cuidado prático, da aceitação calorosa e da edificação mútua. A *Comunidade do Cuidado* não é apenas uma teoria a ser discutida, mas uma realidade a ser vivida, testemunhada e compartilhada para a glória de Deus e o benefício da humanidade.

Referências

- PETERSON, Eugene H. *The contemplative pastor*. Grand Rapids: Eerdmans, 1993.
- RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. *Chave linguística do NT Grego*. São Paulo: Vida Nova, 1985.
- DE FIORES, S.; GOFFI, T. (orgs.). *Dicionário de espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- GUTHRIE, Donald. *Hebreus, introdução e comentário* (Série Cultura Bíblica). São Paulo: Vida Nova, 1984.